

“A CADEIRA AMARELA”, DE VAN GOGH

JOGO DE SCENA

Jorge Fernandes da Silveira*

Gosto de dizer que Jorge de Sena assistiu ao século XX de cadeira. Criou uma peça móvel, experimental, uma cadeira, para assistir o mal do século, o *spleen*, com visão de cientista que exorciza o obscurantismo à luz do sistema revolucionário copernicano (a Figura do rebelde Jorge Anès, a meu ver, segundo Maria Gabriela Llansol). *Por amor ao mundo* (Hannah Arendt), sentou-se à mesa para testemunhar a paz, fiel à filosofia das Luzes do Ocidente (o Sena humanista leitor de Camões). Sentou-se, para apreender a Poesia sua contemporânea (o Sena leitor sarcástico de Luiza Neto Jorge). Inclinou-se a ser assistido pela revolução sexual dos anos 60 (o Sena Catedrático atlântico não pacífico na Califórnia). Em suma, na imagem doméstica da cadeira como representação do desdobramento de propriedades dialeticamente complementares das mãos entre os objetos da cultura material (TRABALHO) e da cultura estética (AÇÃO), em Lisboa, no dia 21 de Maio de 59, imprimem-se um nome e uma assinatura de ouro: “‘A Cadeira Amarela’, de Van Gogh”, de Jorge de Sena. A dupla autoria no título de *Metamorfoses* (1963) — marca registrada da *mimese* platônica à maneira seniana — chama a atenção do leitor, não para o conhecimento ou desconhecimento da autoria, mas sim para a autoria como uma questão, o problema do *reconhecimento* nas Artes, ou, nas suas palavras, para a “imagem de uma ideia”, a “forma de um conceito” (“Oitavas, ouvindo a Primeira Sinfonia de Brahms”, *Arte de Música*). No fundo, trata-se da ainda desconcertante proposição de *pensar, querer e julgar* a recepção — o “prémio” — à Obra. Não vou repetir aqui o que já está em livro (*Verso com verso*, 2003), em 34 páginas, sobre o que em sua poética se assenta no teatro, no livro, no museu, no cinema, na TV (na mídia?). Em tempos obscuros, para o sucesso da hipótese de ser a devotada

assistência a *A Cadeira Amarela de Van Gogh de Jorge de Sena*, um transporte em progresso para o século XXI, creio ser mais urgente ler com atenção, quero dizer, dar uma resposta interessada ao manifesto em estilo palavra-puxa-palavra, de Fernando Lemos, endereçado não faz muito tempo na internet. Sendo LULA (“lulabc”) a palavra dada e sendo o pintor, artista gráfico e fotógrafo Fernando Lemos, português de nascimento e brasileiro por opção, uma figura rebelde (ainda Llansol) que obliquamente se reconhece na autoimagem do Jorge de Sena retratado em “Em Creta com o Minotauro”, cito, com cortes obrigatórios, “lulantes”, o texto, rematado pela minha voz, no dístico final, como se fora uma *finda*, vinda aos versos de “Uma pequenina luz”

(...)

lulaceso

lulagora

lulafinal

lulabençoado

luladiante

uma pequenina luz lá bruxuleante

* Doutor pela UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pós-Doutorado na Brown University, onde foi Professor Visitante. Professor Emérito da Faculdade de Letras da UFRJ e Pesquisador 1-A do CNPq. Como pesquisador, privilegia a relação entre literatura, cultura e história, com ênfase na épica clássica e sua permanência no imaginário português moderno e contemporâneo. Dentre outros livros, publicou: *Portugal, Maio de Poesia 61*; *Cesário Verde, Todos os Poemas*; *Verso com verso* [ensaios de poesia]; *O Tejo é um Rio Controverso*, António José Saraiva Contra Luís Vaz de Camões; *Lápide & Versão*, ensaios sobre Fiama Hasse Pais Brandão; *Memorial de Jorge da Silveira, a Poor Boy from Nictheroy*. Apaixonado pelo cinema, é autor de *Sobrimagens*.